

O museu de arqueologia de vila viçosa

Jeannette U. Smit NOLEN¹

Com esta comunicação pretende-se apresentar o Museu de Arqueologia de Vila Viçosa depois da sua completa renovação, realçando quatro aspectos diferentes desta instituição. (fig.1)

O museu

Fundado nos inícios dos anos 50 pela Fundação da Casa de Bragança por proposta de Abel Viana, o museu faz parte do conjunto de museus da Fundação da Casa de Bragança em Vila Viçosa. Reabriu no dia 1 de Maio de 1999 depois de uma renovação completa tanto dos próprios espaços como das suas colecções.

Há quem ainda se lembre dos vasos, mal colados, cobertos de gesso e ainda com terra agarrada que faziam parte do antigo Museu de Arqueologia de Vila Viçosa. Naturalmente todas estas peças foram limpas e restauradas, o que muitas vezes significou desmontá-las e recomençar os restauros de raiz (fig.2)



Fig.1- Fachada do Castelo.



Fig. 2 - Pote tipo Ibérico antes do restauro

¹ Arqueóloga e Colaboradora da Fundação da Casa de Bragança

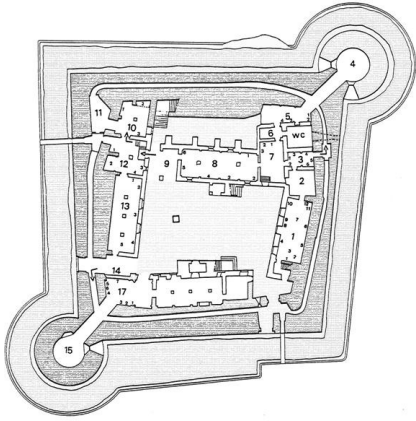


Fig. 3 - Planta do Museu.

O edifício

O Museu está instalado no piso térreo do Castelo de Vila Viçosa (fig.3), e decidimos tratar este edifício como o núcleo museológico principal. Obviamente não alterámos rigorosamente nada na configuração do castelo, até por que o edifício já sofreu muitas ampliações, «arranjos» e «restauros» desde a sua construção original em 1279.

Por duas vezes incluímos no circuito a passagem que circunda o castelo dentro do seu muro exterior (fig.4). Tentámos ao máximo respeitar e chamar a atenção para pormenores arquitectónicos mais

significativos. Infelizmente, por causa de vários desníveis no percurso que não podiam ser disfarçados, o acesso à exposição por cadeira de rodas é apenas parcialmente possível.

Além disso, para respeitar as linhas, superfícies e espaços do edifício, não utilizamos painéis informativos grandes para a interpretação das colecções expostas, mas pequenos textos em formato A4 referentes a temas gerais, explicativos do material exposto ou da época em questão. Estes textos são adaptados aos visitantes mais numerosos (crianças de escolas primárias e secundárias); os estudiosos encontram dados mais pormenorizados quanto as proveniências e cronologia das peças em pequenas fichas ao lado das vitrinas. Toda esta informação repete-se no Roteiro a venda no local. Também por esta razão as vitrinas foram pintadas numa gama de tons cinzentos para não inserir cores alheias ao edifício.

Encontrámos limitações relativamente aos espaços disponíveis ou à sua sequência, e também restrições na possibilidade de instalação das vitrinas ou da sua iluminação. Para simplificar a electrificação do edifício o arquitecto responsável para a presente modificação teve a infeliz ideia de iluminar muitas das vitrinas por baixo, pela base. Foi uma solução que obviamente não resultou porquanto deixa a superfície superior das peças às escuras. Além disso causa a dilatação das pupilas mesmo através do vidro fosco que serve de fundo da vitrina, de maneira que o visitante fica quase às cegas. Este problema está a ser rectificado pouco a pouco, junto com outros de menos gravidade. Constitui uma prova, aliás evidente, que um museu é uma entidade viva e nunca está, ou deve estar, parado.

O percurso já estava preconcebido pela planta do castelo e por várias núcleos tal como os mosaicos da villa romana de Pardais, que apenas cabem na sala abobadada duma das torres, ou uma fonte baptismal que certamente merece um lugar de destaque



Fig. 4 - Sala 3; espólio da Herdade da Chaminé e a entrada pelo preâmbulo.



Fig. 5 - Sala 15; fonte baptismal do terceiro quartel do Século XII.

ao ambiente. O facto do ambiente, dentro deste castelo, que tem muros exteriores de cerca cinco metros de espessura, ser muito estável e fresco, mesmo que esteja húmido, faz com que muitas peças se tenham adaptados. No entanto possivelmente vai ser necessário de retirar a importante colecção de moedas portuguesas proveniente do castelo de Portel. Caso sim, será construída uma vitrina estanque com sistema de desumidificação para este núcleo.



Fig. 6 - Sala 13; sala abobadada do quotidiano dos períodos Moderno e Contemporâneo.

dilatada. Mostra o desenvolvimento dos habitantes do Norte do Alentejo desde finais do Paleolítico Inferior até inícios do século passado. Com excepção do núcleo de instrumentos mesolíticos de Areosa (Viana de Castelo) quase todo o material exposto provém das propriedades da Casa de Bragança no Alto Alentejo.

Consequentemente o tema da exposição é o seguinte:

O QUOTIDIANO NO ALTO ALENTEJO ATRAVÉS DO TEMPO

Temos entre outros os seguintes núcleos para ilustrar as actividades deste dia a dia de tão longa duração:

- ◆ A Pré-História com vários monumentos megalíticos representados cada um com uma importante presença de placas de xisto (51 no total) das quais 31 mereciam ser expostas.

(fig.5). Consequentemente o percurso sofre algumas incoerências; não podíamos apresentar uma exposição rigorosamente cronológica da vida Alto Alentejana desde a Pré-História até o século passado; todavia aproxima-se deste objectivo. A exposição acaba com uns itens da rica colecção arqueológica do Rei D. Luís.

A Humidade é o nosso grande adversário. Algumas peças metálicas tratadas nos laboratórios de Conimbriga voltam a aparecer com corrosão activa enquanto outras, depois dum período de corrosão activa, encontram-se agora estabilizadas e adaptadas

Por outro lado o Castelo igualmente nos facultou um conjunto de salas grandes e espaçosas, com colunas medievais (fig.6), e abóbadas imponentes proporcionando excepcional requinte e visibilidade. Um ambiente exemplar para um museu de arqueologia.

a colecção

A colecção é singular, uma vez que ilustra uma ocupação numa área muito delimitada – o Alto Alentejo - e ao mesmo tempo uma cronologia muito

- ◆ Merece especial referência a grande taça Campaniforme da Casa do Canal.
- ◆ A Idade do Ferro na Herdade da Chaminé com fíbulas hispânicas, vários vasos de fabrico regional decorados com cordões plásticos e outros de bandas pintadas no estilo «Ibérico» (fig.7).
- ◆ Na época da romanização chegou até à Herdade da Chaminé uma abundância de brincos, fíbulas, cerâmica de «paredes finas» e de Terra Sigillata, lucernas moldadas de volutas e copos de vidro.
- ◆ A Villa Romana de Pardais que inclui um mosaico a preto e branco e uma pequena coleção de materiais de construção.
- ◆ As lucernas do santuário de Peroguarda das quais 35 são reconhecíveis quanto à forma enquanto existem ainda 257 asas fragmentadas e 40 bicos para fazer uns 300 exemplares ao menos.
- ◆ Uma sala foi dedicada à epigrafia romana onde estão expostos vários miliários, placas funerárias e duas aras. Curioso é que duas das placas são dedicadas a pessoas de quarenta anos, quiçá uma idade fictícia e arredondada que significa antes a ideia de se tratar de uma pessoa velha²
- ◆ Outra sala mostra o quotidiano durante a época romana; estão representadas, entre outras, espécimes do adorno pessoal, do comércio, da agricultura e de vários ofícios tais como as carpintarias, olarias (fig.8), pedreiras e a indústria têxtil.
- ◆ Um núcleo extenso é dedicado às necrópoles de Serrones, Padrãozinho e Torre das Arcas, com quatro sepulturas, de tipologias diversas, reconstituídas (fig.9) e o restante espólio cujo contexto sepulcral conseguimos reconhecer, agrupado por túmulo.



Fig. 7 - Sala 8; conjunto de cerâmica de fabrico do Alto Alentejo.



Fig. 8 - Sala 8; conjunto de cerâmica de fabrico do Alto Alentejo.



Fig. 9 - Sala 11; sepultura 27 da Herdade de Padrãozinho reconstituída. Primeira metade do Século III.

² Agradecemos ao Doutor José d'Encarnação para esta observação.

- ◆ Também existe um tesouro de moedas romanas proveniente de Juromenha, constituído por 21 Antoniniani dos Imperadores Galieno, Cláudio e Quintilo e mais três Asses de Valenciano e Honório. Todas estas moedas se encontram em estado «flor do cunho».
- ◆ A Idade Média infelizmente está muito mal representada apenas por uma candeia e um fragmento de uma taça com decoração de corda seca. No entanto os períodos modernos e contemporâneos figuram com pequenos, mas significativos, núcleos tal como as boticas do próprio castelo e do convento de Chagas e os *ateliers dos falados alfaiates de Portel*. De destacar é um fragmento de uma inscrição de ano 1379 com a ordem de D. Fernando ao Mestre Henrique Gil para a construção do Torre de Menagem do próprio Castelo.



Fig. 10 - Sala 17; Ídolo Pré-Colombiano em forma de Divindade Solar. Equador; Séculos I-V d.C.



Fig. 11 - Machados neolíticos de sílex da colecção de D. Luís.

Para finalizar juntamos a parte da colecção de D. Luís pertencente à Casa de Bragança na última sala. D. Luís, dum gosto artístico notável, era um coleccionador e conhecedor de arqueologia que reuniu uma importante colecção, hoje separado em dois núcleos, um patente em Vila Viçosa e outro depositado na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Trata-se de uma colecção muito ecléctica incluindo núcleos egípcios, pré-colombianos (fig.10), gregos, cartagineses e romanos, além de um estupendo conjunto de 59 instrumentos neolíticos dinamarqueses de sílex (fig. 11)

Estes últimos encontram-se separados do resto da colecção, uma vez que o espaço disponível obrigou-nos apresentá-los à seguir ao material pré-histórico alentejano.

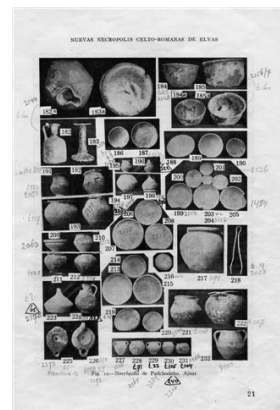


Fig. 12 - Página de um dos folhetos publicado por Abel Viana.

Fontes de informação

É de lamentar que haja uma falta quase completa de informação sobre as 3490 peças existentes, nem existem cadernos do campo das escavações, enquanto o inventário original dos achados é apenas rudimentar além de ser incompleta. Todavia podemos considerar sorte a falta de limpeza e o restauro defeituoso dos artefactos enquanto expostas no antigo museu; os conhecidos folhetos de Abel Viana (fig. 12), com fotografias minúsculas, ainda ajudaram a reconhecer bastantes peças pelas falhas ou sujidade delas. Desta maneira conseguimos descobrir a origem de uma parte significativa das peças provenientes das sepulturas megalíticas e romanas e assim esboçar o quotidiano no Alto Alentejo através dos séculos.

Por consequência o museu de Vila Viçosa retrata a vida da população alto alentejana desde o Paleolítico até aos inícios do século vinte. Era uma vida pobre essencialmente de agricultores, comerciantes e artesãos

Até agora (A.D. 2004) publicamos um roteiro que apresenta o corpo da informação dos textos e fichas, já vistos no museu, quase por completa; enquanto também existe uma guia em língua Inglesa para emprestar aos visitantes estrangeiros.

Onde encontrar nos?

Pode visitar nos no próprio Castelo de Vila Viçosa, ou na nossa *site no Internet*: www.fcbraganca.pt.

O museu de arqueologia de vila viçosa

Apresenta-se o Museu de Arqueologia de Vila Viçosa depois da sua completa renovação.